
Minha Cor (É) Vermelha: performance como ritual, imagem como pele da performance

*Minha Cor (É) Vermelha: Performance as a Ritual, Image as
Performance Skin*

*Minha Cor (É) Vermelha: performance como ritual, imagen como piel
de la performance*

*Mapige Gemaque (Artista independente, Brasil)**

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47235>

63

RESUMO: Este texto apresenta ações do momento 'vivido' na performance ritual *Minha cor(é)vermelha*, em que o cor(po)lítico, ideológico e ritualístico busca compreender os dramas sociais vivenciados pelas pessoas que vivem e demarcam espaços na Amazônia, através de experimentos performáticos que criam conexões com as particularidades sociais e antropológicas da vida amazônica e que atuam como elementos de resistência, enfrentamentos e atravessamentos po(é)ticos, pois é preciso (re)xistir para existir em alguns lugares dessa cartografia.

PALAVRAS-CHAVE: performance ritual; cor(po)lítico; Amazônia

* Mapige Gemaque é artista visual e ativista, mora há 27 anos em Macapá e trabalha com diferentes linguagens artísticas.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0588-5883>. E-mail: mapigemapige@gmail.com.

ABSTRACT: This text presents actions from the "live" moment of the ritual performance *My Colour (Is) Red* in which a political, ideological and ritualistic body seeks to understand the social dramas experienced by people who live and demarcate spaces in Amazon through performative experiments that create connections with the social and anthropological life of Amazon. They act as resistance elements, poetical struggles and crossings, because it is a matter of (re)existing to exist in some places of this cartography.

KEYWORDS: ritual performance; cor(po)lítico; Amazon

RESUMEN: Este texto presenta acciones del momento "vivido" en la performance ritual *Mi color (es) roja*. En esta, el cuerpo político, ideológico y ritualista busca comprender los dramas sociales de las personas que viven y demarcan espacios en la Amazonía, a través de experimentos performáticos creadores de conexiones con las particularidades sociales y antropológicas de la vida en la Amazonía, actuantes como elementos de resistencia, enfrentamientos y cruzamientos po(é)ticos, porque es necesario (re)existir en algunos lugares de esa cartografía.

PALABRAS-CLAVE: performance ritual; cor(po)lítico; Amazonía

Citação recomendada:

GEMAQUE, Mapige. Minha Cor (É) Vermelha: performance como ritual, imagem como pele da performance. *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 37, p. 63-76, jan./jun. 2021. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47235>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2021 Mapige Gemaque

Minha Cor (É) Vermelha: Performance como ritual, imagem como pele da performance

Na efemeridade do movimento,
Artistas, ativistas e grupos sociais se encontraram
Na avenida Ernestino Borges
Em frente ao Ministério Público Federal do Amapá
Na Amazônia
Para falar que Emyra wajãpi¹
Vivia e estava presente!
Justiça² era o que queriam.
Diante de tamanha selvageria
Ocorrida na aldeia wajãpi

A performance *Minha cor(é)vermelha*³ foi uma das ações artísticas que estava presente como po(é)tica de enfrentamento contra esse conflito social ocorrido na aldeia. Através desse olhar, busquei integrar o processo de criação em *performance como ritual, imagem como pele da performance*. Na fugacidade do (ins)tante, não tinha como fugir. A imagem, assim como a pele, se encontraram em momento de 'transe' e invocaram a potência do vivido, misturando cores, peles, conflitos,

conceitos, tecidos, dores e sentimentos, em um ritual que se encontrou com quem estava presente e construiu interações mentais, físicas e visuais, (in) corpo-ação; naquele momento, fui tomada pela energia emitida pela presença das pessoas, pelo canto dos indígenas e pelas cenas provindas do contexto social.

A rua estava fechada, a cena continuava tomada por várias ações artísticas e a performance *Minha cor(é)vermelha* aconteceu na presença simbólica das pessoas que se conectaram com meu corpo e com a minha mente. Tudo começou a fluir. Tive a sensação de receber uma energia transcendental que envolveu o meu corpo. Era como se a floresta estivesse em mim e eu nela. Os dois planos estavam entranhados em minha corpo(re)idade: a arte do momento e a cena espiritual. Assim, essa presença trazia para o ritual o drama social vivido por todos que estavam ali. Eram energias fortes, que transmitiam um estado de leveza e estabilidade espiritual. Veja a presença do ritual vivido no registro fotográfico a seguir.

A performance se alargou e o ritual performático tomou a cena cotidiana do lu-

gar. O tecido branco foi '(des)dobrado' sobre a rua, (de)marcando um espaço retangular, como um gesto simbólico de alerta e ao mesmo tempo de enfrentamento aos conflitos de terras indígenas no Brasil. No centro do tecido, um recipiente com urucum e tinta corporal na cor vermelha e o corpo performático, que criava os rituais carregados de singularidades e simbologias culturais, provocando uma experiência limítrofe da existência, uma transgressão dos limites cotidianos no campo da antropologia da performance, e o corpo sendo identificado como sagrado pelo vivido.

Nesse momento, o corpo surge como presença da performance-ritual, entre vivência e experiência no campo da antropologia, tecendo uma conversa com elementos do cotidiano indígena, com os acontecimentos amazônidas, entre realidades, mistérios e as simbologias da cor vermelha. Rituais performáticos presentes nessa performance, de resistência, enfrentamento e de luta contra essa guerra de PODER político, econômico, social, agrário, étnico, identitário, de gênero etc., que o povo amazônida enfrenta cotidianamente em seu território.

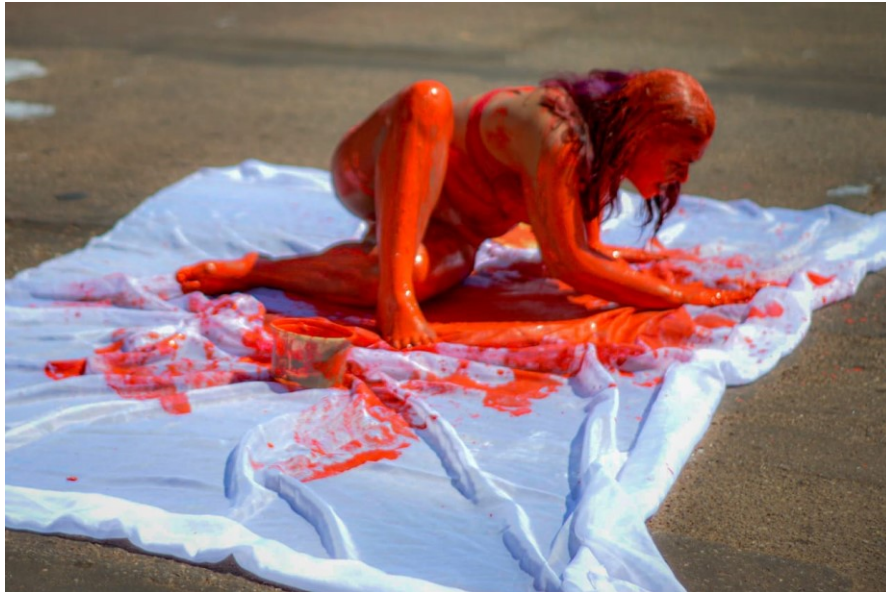


Fig. 1 - Mapige Gemaque, *Minha cor(é)vermelha*, 2019. Foto: Alinne Brito.
(Fonte: Acervo da autora)

E essa experiência levou-me a mergulhar de corpo e alma nos processos performáticos que estavam entranhados em minha pele. Esse processo/estado de entranhamento conduziu-me à licença poética que me permite a fala/performance do processo vivido. E o texto abaixo, ora literário, ora poético, ora investigativo, se mescla em sensações de processos pesquisantes e torna-se um registro deste entranhamento:

Minha cor é vermelha!
 O sangue da vida é vermelho!
 O sangue da morte é branco,
 Forasteiro, garimpeiro, (ban)doleiro
 minha cor é vermelha
 sou indígena
 sou filha da terra
 ...esta é a minha terra...
 Quero proteção
 Quero justiça
 Quero os meus direitos
 A minha cor é vermelha
 O meu sangue é de vida!
 O meu sangue é de luta!
 O meu pau-brasil é vermelho,
 Encarnado que nem o guará da Amazônia
 Que o branco (des)matou e para Europa levou
 A minha cor é vermelha que nem o urucum,

Que traça a iconografia do meu povo
 Wajãpi...
 Minha cor é vida!
 Minha cor é vermelha!
 Quero justiça e proteção
 Para meu povo Wajãpi
 O poder não pode calar a justiça!
 Queremos que as investigações continuem...
 EMYRA WAJÃPI VIVE!⁴
 Está presente!

Nesse momento, utilizei a licença poética para dizer que, em estado de ritual-performance, recebi as energias do povo da floresta e fiz uma viagem-performance com as forças (in)visíveis da Amazônia, onde enfrentei as injustiças, as invasões de terra, o (des)matamento, a disputa por territórios, a ocupação (des)ordenada das terras indígenas por (in)vasores e as (des)igualdades sociais, em tempos de guerra pela terra e pelo (de)voramento da Amazônia, através da minha po(é)tica, que atuou como arma contra essa guerra.

Minha cor(é)vermelha fala dos conflitos que o povo vivencia neste lugar e que ainda estão "(in)visíveis" aos olhos do PODER. Sob o olhar poético, a cor vermelha expressa o sangue que forma a vida, o

nascimento e a energia que vêm do universo. Nos (entre)cruzamentos culturais, o vermelho é a cor dos indígenas, que apresenta valores culturais, sociais, ritualísticos, espirituais e, ao ser pintada nos seus corpos, através dos grafismos, estabelecem significados que variam de acordo com os rituais e valores de cada etnia⁵.

Em meio ao “drama social” (TURNER, 2008) ocorrido na terra indígena e das notícias que traziam sentimentos de ameaça e (ins)tabilidade, entre dor, medo e mistério, realizei a *performance como ritual* para aproximar a po(é)tica dos acontecimentos e das relações humanas e sociais que tínhamos construído com os nossos ‘parentes indígenas’, que vivem e cuidam dos seus territórios de acordo com os rituais e tradições pertencentes às suas etnias. Cotidianamente, dia após dia, em cada encontro, fazia anotações sobre as ações e sentia o drama que vivíamos de forma dinâmica, simbólica, interativa e temporal, carregados de sentimentos, tensões, emoções e resistências políticas e sociais.

Fatos presentes na minha po(é)tica através da antropologia da performance, como uma memória viva que estava além do campo

das ideias, ou seja, que saiu do campo da memória, se entranhando no meu corpo como pele da performance, nos objetos e simbologias utilizados ao longo do processo performático, criando relações com o lugar e com os elementos que se ligam à floresta, às forças que vem do Rio Amazonas e que se mescla ao vermelho da vida, através da performance de enfrentamento em suas águas imaginárias, em busca de força e de novos tempos para os povos que vivem na Amazônia.

Considero, enfim, que a performance *Minha cor (é) vermelha* foi um “ritual” que articulou de forma simbólica e dramática um movimento de luta, (re)sistência e de enfrentamento contra os (des)mandos sociais e as ações de violências praticadas contra os povos que vivem e fazem a Amazônia. De acordo com as experiências e particularidades vivenciadas durante as ações do movimento social, percebi que é preciso (re)xistir para existir nas terras amazônicas e, assim, continuar lutando por mais direitos à vida e ao território. Pelo fim da violência, da grilagem e da (re)pressão! Por fim, *Minha cor (é) vermelha* pela vida e pelos povos que vivem, (re)inventam-se e lutam pela (so) brevivência na Amazônia!



Fig. 2 (e subsequentes) - Mapige Gemaque, *Minha cor(é)vermelha*, 2019. Foto: Alinne Brito.
(Fonte: Acervo da autora)

O sangue da vida é vermelho
O sangue da morte é branco, estrangeiro, garim-
peiro, (ban)doleiro

A minha cor é vermelha
Sou indígena
Sou filha da terra
.....esta é minha terra....

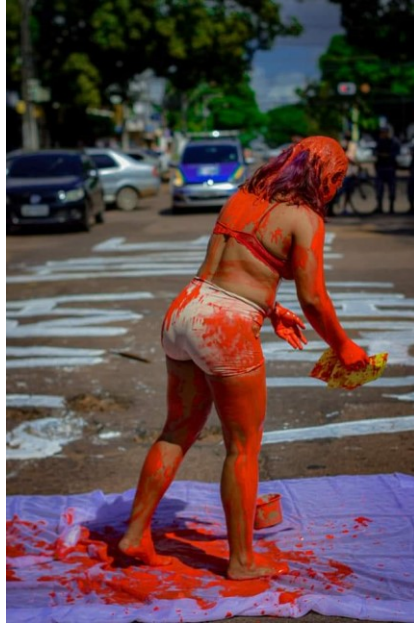
Quero proteção
Quero justiça
Quero os meus direitos

A minha cor é vermelha
O meu sangue é de vida!
O meu sangue é de luta!
O meu pau-brasil é vermelho, encarnado que
nem o guará da Amazônia...
Que o branco (des)matou e para a Europa levou...

Minha cor é vermelha que nem o urucum que
traça a iconografia do Meu povo waiãpi...

Minha cor é vida!
Minha cor é vermelha...
Quero justiça e proteção para meu povo waiãpi!
O governo não pode calar a justiça!
Queremos que as investigações continuem!
EMYRA WAIÃPI VIVE!
Está presente!









Notas

¹ Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lider-indigena-e-morto-a-facada-no-amapa-po-liticos-veem-acao-de-garimpeiros,70002942614>. Acessado em 1/7/2020.

² Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730517/inciso-xv-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1>. Acessado em 10/1/2020.

³ Faço isso nos meus textos quando uso expressões/palavras poéticas referentes aos processos de criações em arte, separando-as com hífen, barra e parênteses, baseada nas propostas de Rangel (2015) e na pesquisa A/r/tográfica, que permite essa licença poética ao professor-artista que constrói sentidos sobre a sua prática no espaço da escola.

⁴ Disponível em <https://selesnafes.com/2019/12/caso-emyra-wajapi-e-arquivado/>. Acessado em 2/7/2020.

⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2015/10/pinturas-indigenas-apresentam-identidade-de-cada-etnia-nos-jmpi.html>. Acessado em 1/3/2019.

NUNES, Roberson. *Haikay e performance: imagens poéticas*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

RANGEL, Sonia. *Trajeto criativo*. Lauro de Freitas: Solisluna Editora, 2015.

SCHECHNER, Richard; LIGIÉRO, Zeca (Org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

TURNER, Victor. *From Ritual to Theater: The Human Seriousness of Play*. Nova York: Publications Book Performance Studies, 1982.

Referências

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma introdução. In DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.) *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, p. 13-23.